

JORNALISMO CIENTÍFICO EM AMBIENTE MULTIPLATAFORMA: AS NARRATIVAS ESPRAIADAS DO CIÊNCIA USP

SCIENTIFIC JOURNALISM IN A MULTI-PLATFORM ENVIRONMENT: THE SPREAD NARRATIVES OF CIÊNCIA USP

Daniela Savaget ¹
Maurício Guilherme Silva Jr ²

Resumo

No dia a dia, a ciência se espalha, entre os cidadãos, como narrativa – por vezes, contudo, de modo invisível. Apesar de a práxis da vida cotidiana se revelar sempre próxima a leis, princípios e métodos do edifício científico, muitos são aqueles que não vinculam as faces da experiência diária aos contornos da construção do conhecimento. Daí a importância do jornalismo científico, que, a seu modo, busca ampliar o debate em torno de tais experiências e propor novos modos de os indivíduos perceberem sua própria relação com a ciência. Neste artigo, almeja-se realizar, de modo específico, uma síntese de elementos inerentes a tais narrativas como forma de identificar vozes, fontes e disputas de poder. Como objeto empírico, pretende-se, ainda, dar ênfase às práticas multiplataforma e às diferenças de sua múltipla estrutura. Para tal, investiga-se o *Ciência USP*, ambiente multiplataforma que conta com site e redes, entre outras ações.

Palavras-chave

narrativas; jornalismo; jornalismo científico; multiplataforma; *Ciência USP*.

Abstract

In everyday life, science spreads among citizens as a narrative - sometimes, however, in an invisible way. Although the praxis of everyday life is always close to the laws, principles, and methods of the scientific edifice, many are those who do not link the faces of daily experience to the contours of the construction of knowledge. Hence the importance of science journalism, which, in its own way, seeks to broaden the debate around such experiences and propose new ways for individuals to perceive their own relationship with science. The aim of this article is specifically to synthesize the elements inherent in these narratives, as a way of identifying voices, sources, and power disputes. As an empirical object, we also intend to emphasize multiplatform practices and the differences in their multiple structures. To this end, we chose to investigate *Ciência USP*, a multiplatform environment that has a website and networks, among other actions.

Keywords

narratives; journalism; science journalism; multiplatform; *Ciência USP*.

1 Doutora, professora do UniBH e da UNA, danielasavaget@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/5988884309626550>

2 Doutor, professor do UniBH, da UNA e da PUC Minas, mgsj@uol.com.br, <http://lattes.cnpq.br/8372690856204136>

Introdução

O presente artigo discorre sobre narrativas no contexto da ciência e suas imbricações na construção do conhecimento na vida cotidiana, tendo em mente novas configurações de produção e consumo de informações por meio das tecnologias digitais. Os termos “convergência midiática” e “multiplataforma” têm feito parte, nos últimos anos, dos textos na área de pesquisa em comunicação e, mais especificamente, em jornalismo, a fim de propor novas formas de se pensar a área.

Nessa perspectiva, existem diversas determinações, e não mais categorias dicotômicas, como emissor e consumidor de conteúdo, presentes no modelo positivista da comunicação. Neste estudo, buscamos refletir sobre os novos modos de comunicação e de fazer jornalístico, aliados ao jornalismo científico e às imbricações da ciência no dia a dia dos cidadãos.

Para tal, utilizamos como objeto empírico de pesquisa o *Ciência USP*, ambiente multiplataforma, no contexto do jornalismo científico, desenvolvido pela Universidade de São Paulo (USP). Nosso objetivo é realizar uma síntese de elementos inerentes às narrativas da ciência nesse universo, de maneira a identificar vozes, fontes e disputas de poder.

Para tanto, estruturamos o artigo em seções que abordam conceitos e características do jornalismo científico e a ideia de narrativas nesse cenário. Em seguida, discutimos a convergência midiática e a produção multiplataforma, para, então, apresentarmos informações específicas sobre o *Ciência USP*, com breve análise das plataformas que o compõem, tendo em mente as diferenças de cada contexto.

Na rotina da comunicação e da ciência, o binômio visibilidade e invisibilidade, por vezes, é dado como resultado de relações assimétricas de uma sociedade. Nesse contexto, alguns têm o poder de fala; enquanto outros, não. Buscamos, assim, refletir sobre a convergência midiática e a produção multiplataforma aliadas à ciência, tendo em vista narrativas que reforçam – ou não – as assimetrias de visibilidades na sociedade contemporânea.

Divulgação Científica: desnudamentos primevos

A relação entre divulgação e recepção pública das ciências mostra-se fundamental à compreensão dos “movimentos” e desafios da humanidade na busca por conhecimento. Desde, principalmente, o século XVI, iniciativas as mais diversas pretendem o “desnudamento” de enigmas da vida, assim como a subsequente divulgação de tais revelações permeadas pelo saber.

Ao debater os efeitos das ciências sobre os rumos das sociedades, Reis (1968) destaca que, ao fim da Idade Média, a ânsia humana por investigar – e narrar – o tempo, o mundo, os homens, seria responsável pelo desenvolvimento de práticas e princípios científicos. De outro modo, a busca por desvelar e expor tudo o que, até então, parecia “oculto” revela-se essencial à eclosão da “revolução científica” e dos movimentos humanistas que, a partir do século XV, veriam “o homem como centro de todas as coisas”

Que o digam os trabalhos de Leonardo da Vinci (1452-1518) e André Vesálio (1514-1564), profissionais das artes e das ciências que se dedicam, entre outros ofícios, a dissecar o corpo humano – antes sacralizado – para compreenderem as estruturas anatômica e fisiológica dos indivíduos (Reis, 1968). Como fruto de tal criteriosa dissecação de cadáveres, nascem os primeiros tratados de anatomia e fisiologia, obras nas quais as imagens e as narrativas analíticas seriam responsáveis por redefinir, à época, a relação entre o homem e seu próprio corpo.

A divulgação dos resultados de experiências e estudos – mesmo que “pré-científicos – estimularam a sociedade a substituir, ou mesmo negar, ‘pequenas verdades’ absolutas, muitas das quais cristalizadas pelas tradições” (Reis, 1968). Nesse sentido, há que se ressaltar Bronowski (1986), para quem a maneira científica de pensar transfigura-se numa espécie de “disciplina unificadora”, ao representar a tentativa do homem de ver e compreender o mundo como um todo.

Com base em tais problematizações quanto ao “lugar social” da Divulgação Científica ao longo dos séculos e no que se refere, de modo específico, às propostas de análise aqui pretendida – a natureza da experiência multiplataforma do projeto *Ciência USP* –, duas questões parecem fundamentais: ao tomar como referência os usuários-mídia que, na contemporaneidade, consomem milhões de informações em diversas plataformas digitais, o que dizer dos processos de construção de sentidos – e “experienciações” – em torno do fato científico? Qual papel é atualmente exercido pelas narrativas jornalísticas – então oferecidas em plataformas as mais diversas – no que diz respeito à difusão pública de valores, práticas e dilemas das ciências?

Narrativas sobre ciências: a visibilidade como bússola

Conforme destacado no item anterior, o imperativo da exposição e da discussão de metodologias, teorias e princípios sempre esteve atrelado ao desenvolvimento das ciências. Desde fins do século XVI, a divulgação dos processos e resultados das investigações científicas, afirma-se não somente como garantia da superação de obstáculos técnicos e/ou éticos (Mosley; Lynch 2011; Reis, 1968) – fruto do diálogo entre “pares” –, mas, também, como possibilidade de obtenção do crivo social em relação aos propósitos da ciência, atividade humana expressa, por Bronowski (1986, p. 12), como uma espécie de “interpretação especial”, por se tratar do mais sofisticado método de planejamento para compreensão do mundo já inventado neste planeta.

De acordo com o autor, a ciência, a princípio, não é uma atividade dissociada, independente e vazia de valores que pode ser levada a efeito separadamente do resto da vida humana, porque, em segundo lugar, ela é, pelo contrário, a expressão, numa forma muito precisa, do comportamento humano específico da espécie, que se centra na produção de planos. Em terceiro, não há distinção entre estratégias científicas e estratégias humanas para orientar o nosso ataque a longo prazo sobre como viver e como olhar para o mundo. A ciência é uma visão do mundo baseada na noção de que podemos planejar através do entendimento (Bronowski, 1986, p. 26-27).

Ante o pressuposto de que a humanidade norteia sua conduta com base nos planos que realiza – com vasta intensidade e amplo senso de organização, justamente, nas ciências –, evidencia-se a necessidade de divulgação, a diversos públicos, das práticas e teorias científicas. Trata-se, afinal, da produção de saberes capazes de alterar, de maneira orgânica, o cotidiano dos cidadãos e das cidadãs. Além disso, as ciências podem/devem tornar-se visíveis a todos em função da busca pelo conhecimento revelar-se como “condição do destino humano, que nos faz seres curiosos e tenazes” (Silva, 2010, p. 25).

Se, em certos momentos da trajetória humana, o conhecimento científico gozou de grande “legitimidade social, tendo atingido, em muitas circunstâncias, o lugar da verdade que a religião ocupou até a Revolução Francesa no mundo ocidental” (Silva, 2010, p. 25), houve momentos de ampliação do abismo entre as demandas sociais e os propósitos das ciências. Na atualidade, aliás, com o avanço de ideais político-ideológicos negacionistas (principalmente, por parte da extrema-direita mundial), a pesquisa acadêmico-científica se vê, uma vez mais, confrontada.

Ao longo do tempo, pois, revela-se plurifacetado o posicionamento crítico das sociedades em relação aos valores, às metodologias e aos princípios das ciências. Daí a necessidade, como ressaltam diversos autores – Burkett (1990); Colombo (1998); Bueno (2001); Orlandi (2001); Zamboni (2001); Guimarães (2001a); Oliveira (2002); Silva (2010); Fagundes (2010); Maia (2010); Leite (2010) e Costa (2010) –, do estabelecimento de práticas efetivas (e, por vezes, inovadoras) de Divulgação Científica, capazes de traduzir, aos públicos, as complexidades inerentes à produção de saberes nas mais diversas áreas, assim como de inquirir pesquisadores e instituições quanto a seus objetivos, métodos e teorias.

Jornalismo científico

No Ocidente, segundo Silva (2010, p. 26), a Divulgação Científica remonta aos gregos, que se encarregavam de “registrar e difundir o que seus sábios formulavam”. No tocante à difusão das ciências, por meio de processos e lógicas do fazer jornalístico, a profissionalização se dá, porém, com a evolução técnica dos meios de disseminação da informação e o desenvolvimento das chamadas “sociedades industriais”, a partir do século XVII. Nesse sentido, segundo a autora, o jornalismo científico assume, então, a responsabilidade de garantir espaço para a ciência “na esfera pública midiática, primando pela difusão das informações e respeitando a pluralidade das perspectivas e a diversidade das fontes relacionadas aos temas abordados” (Silva, 2010, p. 27).

Segundo Colombo (1998), as fontes científicas têm características bastante peculiares: devido ao seu alto grau de especialização, acabam por desencorajar, nos jornalistas, a verificação de dados e informações. Daí a importância, no caso do jornalismo científico, de permanente inquirição quanto à veracidade de tudo o que é relatado pelos pesquisadores. O autor chama a atenção, ainda, para a necessidade de ampla

contextualização das reportagens no campo da ciência, posto que todas as etapas da produção científica devem ser compreendidas, e, caso necessário, minuciosamente relatadas.

Peter-Peters (2000), por outro lado, percebe que o tratamento jornalístico à ciência mudou ao longo do século XX. A “cobertura popularizante” dos sucessos da prática científica foi, aos poucos, fazendo-se acompanhar da descrição dos impactos menos benéficos, a exemplo de desastres ambientais, problemas relacionados à saúde, à ética e à segurança. Além disso, ocorre o que o autor chama de “politização da ciência”, processo pelo qual os resultados das pesquisas especializadas passam a legitimar, ou não, decisões políticas.

Ao problematizar questões dos princípios da política, Bueno (2001) ressalta a necessidade de se “resgatar o caráter pedagógico-crítico do jornalismo científico, evitando que os profissionais estejam a serviço de interesses que atentem contra a cidadania e a função social da ciência”. Oliveira (2002), por sua vez, afirma que, em nome da consolidação das bases da cidadania de uma nação, faz-se necessário o desenvolvimento de cultura científica no cerne da sociedade.

Desse modo, o jornalismo científico seria o meio apto a disseminar, democraticamente, as informações detalhadas acerca da produção do conhecimento. Por fim, na visão de Maia (2010, p. 23), ter acesso aos avanços e às aplicações práticas da ciência é direito expresso dos cidadãos, assim como a divulgação se revela “obrigação dos órgãos que a produzem ou patrocinam”.

No artigo “Breve ensaio sobre as peculiaridades do texto de Divulgação Científica”, Destácio (2000) – para quem as práticas jornalísticas servem de “termômetro” dos graus de interesse social do público-alvo dos meios, assim como da elite intelectual dominante – destaca uma série de “mandamentos”, desenvolvida por três importantes pesquisadores das especificidades do jornalismo científico.

De acordo com Destácio (2000), os autores citados em seu texto defendem as seguintes ações para melhoria da cobertura jornalística no campo da ciência: a) oferecer, à maioria, o patrimônio da minoria; b) difundir os descobrimentos, de modo a ressaltar seu valor para a humanidade; c) destacar a importância da ciência pura; d) combater a desconfiança social em relação à ciência; e) revelar o caráter coletivo da prática científica; f) denunciar as falsas ciências; g) utilizar-se de meio interessante, direto e sensato para a difusão de informações acerca da ciência; h) ser simples, direto e “nobre”; i) tratar um assunto de cada vez; j) pensar muito no tema antes de escrever; k) humanizar os relatos; l) evitar jargões jornalísticos; m) adequar forma e linguagem ao público; e n) distinguir especulações de resultados.

O tripé da informação: (multi)plataforma, conteúdo e distribuição

Com o crescimento das tecnologias digitais, novas configurações no contexto de produção e circulação da informação e de conteúdos diversos, inclusive no âmbito científico, se expandiram. As possibilidades de acesso a tais conteúdos também extrapolam ambientes e ferramentas interativas ganham cada vez mais fôlego.

Nesse contexto, comunicar-se por meio de múltiplas plataformas tornou-se uma realidade diária para áreas diversas, mais intensamente para os que atuam no campo da comunicação e, mais especificamente, do jornalismo. A base do conceito da comunicação multiplataforma é, então, somar mídias *on-line* e *off-line*. Com a ampliação do ambiente digital, crescem as possibilidades dessa interação.

As novas e as tradicionais mídias se fundem, reforçando a presença da comunicação alternativa e corporativa; e os poderes de produção e consumo se integram (Jenkins, 2008). Segundo o autor, “a convergência ressurgiu como um importante ponto de referência, à medida que velhas e novas empresas tentam imaginar o futuro da indústria do entretenimento” (Jenkins, 2008, p. 30). Para que a convergência de fato ocorra, é imprescindível a participação dos usuários. Esse processo representa uma transformação cultural, na qual os consumidores procuram novas informações e estabelecem novas conexões por meio de conteúdos e mídias (Jenkins, 2008).

Convergência e multiplataformas estão, assim, interligadas. Com as multiplataformas, cresce o acesso do público aos meios de produção e circulação dos conteúdos e das informações, com participações ampliadas, com vozes distantes e periféricas podendo ser ouvidas. O uso de dispositivos móveis torna-se, também, um facilitador para que os conteúdos se propaguem.

Seguindo esse modelo, as organizações, sejam elas públicas ou privadas, têm reforçado investimentos de comunicação em diferentes frentes, buscando visibilidade. O desafio passa a ser a interação entre produção e consumo de informação.

Jornalismo multiplataforma

O contexto jornalístico não foge aos pontos apresentados que movem e interligam os conceitos de convergência e multiplataformas. As estratégias do uso de multiplataformas no jornalismo não são recentes. Segundo Belochio, Barrichelo e Arruda (2017), a prática surgiu com o trabalho das organizações em usar mais de uma mídia em suas produções. A distribuição da notícia em multiplataformas passou a ser potencializada com o crescimento dos recursos digitais.

Bradshaw (2014) reforça que, para concorrer num ambiente multiplataforma, as empresas de comunicação começaram a adotar as primeiras estratégias web e os jornalistas do impresso tiveram que adaptar suas produções para a lógica multiplataforma. As notícias passaram a ser produzidas sem as limitações do espaço físico antes vistas como prerrogativas no trabalho das redações.

O fazer jornalístico, incluindo o jornalismo científico, busca propor novos modos para que os indivíduos percebam sua própria relação com a sociedade; e, com as multiplataformas, essa nova relação advém de interações e de um discurso integrado entre as plataformas. A participação tornou-se necessária para que, de fato, a concretização desse ambiente de troca torne possível afirmar que as novas tecnologias de mídia são democratizantes.

Universo multiplataforma científico: estudo de caso

A comunicação multiplataforma é um mecanismo de divulgação interativa. É natural que, cada vez mais, os consumidores tenham um comportamento multiplataforma e desempenhem interações diferentes de acordo com as plataformas, como celular e computador ao mesmo tempo. Com isso, cresce o desafio das organizações para a criação de conteúdos e engajamento em mídias digitais e para o planejamento de narrativas organizacionais e de informação por meio de práticas de colaboração.

Reconhecida pela pesquisa, a Universidade de São Paulo (USP) utiliza-se de diferentes meios para divulgar sua produção científica. A instituição também percebeu a potência dos recursos e possibilidades do uso das multiplataformas há tempos. A autarquia de regime especial, com autonomia didático-científica, faz uso de diferentes plataformas para produção e divulgação de seus conteúdos, com adaptação de forma integrada aos meios. Para dar visibilidade à sua produção científica, a Universidade possui um Núcleo de Divulgação Científica que emprega múltiplas plataformas comunicacionais.

Entre as diversas possibilidades apresentadas de comunicação e jornalismo científico produzidas pela Universidade de São Paulo, neste artigo, optamos pelo estudo do projeto *Ciência USP*, que abarca multiplataformas voltadas à divulgação das descobertas científicas e tecnológicas da instituição. Identificamos, então, os seguintes meios: site, página no *Facebook*, canal no *YouTube*, contas no *Twitter* e no *Instagram* (todos nomeados como *Ciência USP*), além de jornal e podcasts diversos. A seguir, apresentamos outras informações sobre as plataformas e conteúdos usados, com foco no campo científico, tendo em vista as interações propostas entre as plataformas.

Análise

A análise aqui proposta tem, como unidade, espaços multiplataforma do projeto *Ciência USP*: um site e quatro redes sociais. Em tais ambientes, analisaram-se notícias e posts publicados nos últimos três meses, a partir de protocolo organizado nas seguintes dimensões:

- Características gerais da plataforma utilizada;
- Características gerais da publicação;
- Tema;
- Narrativa;
- Vozes envolvidas.

Ao acessar o site, logo na página principal, é possível conectar-se a outras plataformas do projeto *Ciência USP*. Ainda no site, conseguimos acessar reportagens, notícias, podcasts, entre outras publicações. Há espaço, também, para interação, com campos para comentários nas reportagens e notícias para compartilhamento da publicação.

A lógica de produção de conteúdo no site, entretanto, ainda está mais atrelada ao padrão da mídia tradicional, com uma interação pouco utilizada, de fato. É possível enviar sugestões de pauta por meio de um formulário eletrônico conciso, porém, não conseguimos medir se de fato a interação é garantida a partir das sugestões enviadas.

Identificamos, ainda, outros dois canais de comunicação no site: um número de *WhatsApp* – outra plataforma que pode ser usada por interessados em receber notícias do *Ciência USP*, a partir de cadastro simples – e um link para o “Fale conosco”.

A interação é, hoje, um dos pontos fundamentais para construção e democratização dos diversos saberes – entre os quais, o científico. A reflexão crítica sobre a interface entre ciência e sociedade, com ênfase na multidimensionalidade das plataformas de comunicação, mostra-se desafiadora: ouvir o outro e levá-lo em consideração, nesse processo, é algo fundamental para consolidação do escopo institucional do próprio projeto *Ciência USP* e dos valores democráticos propostos ao jornalismo científico. Porém, não é possível validar se, de fato, existe tal dimensão de interação apenas pela análise do site.

O site conta com encaminhamentos para outras plataformas, especialmente em direção às redes sociais, que têm grande potencial para popularização de assuntos diversos, especialmente os científicos. Neste artigo, ao longo de 2022, analisamos quatro delas: *Instagram*, *Facebook*, *Twitter* e *YouTube*.

A conta do *Ciência USP* no *Instagram* apresenta número significativo de seguidores (259 mil), com publicações regulares de posts, feitos, em algumas semanas, diariamente. A página do *Facebook*, por sua vez, registra 235.105 seguidores, com participação ativa dos usuários e uma interação ainda mais significativa do que no *Instagram* (no que tange ao número de curtidas e comentários). A interação ocorre, também, por meio de comentários, incluindo dúvidas/perguntas respondidas pela página. Porém, no *Instagram*, não verificamos muitos comentários, nem interações por parte da equipe do projeto.

O canal do *YouTube* relaciona-se diretamente ao *Canal da USP*, que conta com 351 mil inscritos e mais de 4 mil vídeos publicados. O canal apresenta uma série de vídeos de entrevistas com pesquisadores da USP. A interação é menor. No *Twitter*, por sua vez, existem 80,4 mil seguidores registrados. A rede social foi criada pela instituição mais recentemente, e, em determinado período, ficou fora do ar, apesar de, hoje, contar com publicações regulares.

No que se refere às plataformas analisadas, observou-se que o conteúdo, de maneira geral, é reproduzido nas diferentes plataformas, não sendo consideradas características específicas de cada uma delas (a não ser quando tratam do limite físico, que envolve texto, como é o caso do *Twitter*). De modo específico, a interação é realizada por meio de curtidas, compartilhamentos e comentários. As dúvidas são respondidas pela equipe do *Ciência USP*, e, por isso, ampliam-se as possibilidades de construção colaborativa de conhecimento científico no ambiente digital.

Se, por um lado, não é possível medir tal interação de forma mais efetiva, com a análise do site; por outro, nas redes, ela se mostra presente de fato – principalmente,

em função da profusão de comentários. As redes do *Ciência USP* demonstram, assim, possibilidades de interação entre os participantes das redes interessados nas temáticas da ciência, no ciberespaço, e constituem grande potencial para o desenvolvimento de processos de aprendizagem e troca, além do desenvolvimento da inteligência coletiva (Lévy, 2010).

Em relação ao jornalismo científico, visto, aqui, como processo essencialmente social, ligado à interação com “o outro”, compreende-se as redes do *Ciência USP* como espaços de diálogo, capazes de permitir que os participantes transformem e sejam transformados pelos conteúdos publicados.

Sobre as narrativas apresentadas, observa-se, em todas as plataformas, a presença das vozes autorizadas dos chamados discursos científicos: pesquisadores e profissionais da saúde, principalmente, com foco no saber médico. Resultados de pesquisas em diversas áreas são os conteúdos mais presentes na divulgação de todas as redes, de maneira a reforçar a voz autorizada da ciência, da pesquisa e do pesquisador, brasileiro ou não. Os autênticos porta-vozes desses meios são, de fato, os próprios cientistas.

A legitimidade dessas vozes se dá por meio da presença de instituições como a Faculdade de Medicina da USP (e seus pesquisadores), a Faculdade de Odontologia de Bauru (e seus pesquisadores) e o Centro de Energia Nuclear na Agricultura (CENA) da USP (e seus pesquisadores). A maior parte das instituições é representante direta da própria Universidade, mas, também, é possível identificar a aparição de outras instituições, tanto nacionais quanto internacionais. As relações entre ciência, tecnologia e poder aparecem, ainda, mesmo que forma sutil – especialmente em publicações sobre como a tecnologia sana problemas sociais (a exemplo da pasta de dentes que evita erosão).

A lógica das vozes presentes nas narrativas reforça o que afirma Romanini (2004) sobre o fato de o jornalismo científico brasileiro narrar bem histórias de pesquisas e sucesso científico. A “vida do laboratório”, contudo, é pouco – ou superficialmente – explorada. No caso do projeto *Ciência USP*, o dia a dia dos laboratórios não se faz presente, posto que a ênfase se dá na apresentação dos resultados de pesquisas.

O caráter de temporalidade, comum às notícias midiáticas mais tradicionais, construídas pelos veículos hegemônicos de comunicação, não é tão evidente nas redes analisadas. Como os estudos publicados não são datados, foge-se da lógica factual de produção. Além disso, poucos assuntos presentes no contexto da mídia tradicional ganham foco nas publicações, que extrapolam temáticas ligadas à própria USP.

Assuntos ampliados, que envolvam determinantes sociais da saúde, por exemplo, são pouco explorados em tais meios. Por fim, também a interdisciplinaridade das ciências é pouco contemplada nas publicações, no que se refere ao registro de posts que envolvem diversas áreas do conhecimento.

Ao investigar o modo como o projeto *Ciência USP* lida com as multipossibilidades da ambiência digital, de maneira a propor e disseminar discussões e experiências públicas sobre as ciências, procurou-se, aqui, uma espécie de “duplo movimento” in-

investigativo: de um lado, compreender as bases e a natureza editorial da Divulgação Científica pretendida pela referida iniciativa; de outro, detectar alguns dos sentidos e a “tez” da composição multifacetada de vozes, fontes e disputas de poder envolvidas em tal processo.

Com base na análise do jornalismo científico multiplataforma desenvolvido pelo *Ciência USP*, verificamos que diferentes plataformas fazem parte do projeto, envolvendo, principalmente, redes sociais, tão importantes no cenário digital atual.

As redes do projeto apresentam grande alcance, com números significativos de seguidores, e distintas possibilidades de interação, que se mostram presentes, principalmente, por meio de comentários. Tais processos interacionais, entretanto, não é tão forte no *Instagram*, e os comentários tendem a vir de pares científicos. Ainda assim, consideramos que os públicos dialogam com as veiculações.

As características da cobertura das ciências pelo projeto envolvem benefícios da pesquisa, por meio, principalmente, de reportagens que mencionam conquistas, e, em alguns casos, promessas da atividade científica. As vozes presentes no projeto são: cientistas/professores universitários (ou representantes de institutos de pesquisa e universidades nacionais e internacionais), especialistas e médicos (para temas específicos que envolvem o campo da saúde). As vozes da sociedade comum, entretanto, pouco se fazem presentes nas publicações.

A prática multiplataforma é, de fato, muito usada pelo projeto, ao reforçar as possibilidades de diálogo entre ciência, sociedade e democracia. Na prática, entretanto, as distantes características e especificidades de cada plataforma são pouco aproveitadas, e as publicações acabam replicadas nas plataformas integrantes do *Ciência USP*. Ainda assim, consideramos que o projeto reforça o diálogo e a discussão em torno de experiências entre ciências e indivíduos. Trata-se de iniciativa de Divulgação Científica que funciona como pano de fundo para análise de toda e qualquer disputa de poder no cenário científico, em um mundo cada vez mais centrado em ambientes digitais.

Referências

BELOCHIO, Vivian; BARICHELLO, Eugenia; ARRUDA, Tanise. Aplicativos autóctones em franquias jornalísticas: a possível transformação de rotinas produtivas na convergência com meios digitais. In: CANAVILHAS, João; RODRIGUES, Catarina (Orgs.). **Jornalismo móvel: linguagem, gêneros e modelos de negócio**. Covilhã: Livros LabCom, 2017.

BRADSHAW, Paul. Instantaneidade: efeito da rede, jornalistas mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros LabCom, 2014.

BRONOWSKI, Jacob. Interpretações da natureza. In: BRONOWSKI, Jacob. **Magia, ciência e civilização**. Lisboa: Edições 70, 1986. p. 9-28.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo, lobby e poder. **Revista Parcerias Estratégicas**, n. 13, dez. 2001.

BURKETT, Warren. **Jornalismo científico** – Como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação. Tradução de Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

COLOMBO, Furio. A notícia científica. In: COLOMBO, Furio. **Conhecer o jornalismo hoje**. Lisboa: Editorial Presença, 1998. p. 96-111.

COSTA, Mônica (Org.). **Ciência e imprensa** – Convergências possíveis. Natal: Ed. Fapern, 2010.

DESTÁCIO, Mauro Celso. Breve ensaio sobre as peculiaridades do texto de Divulgação Científica. **Revista Eletrônica Espiral**, ano 1, n. 4, jul./set. 2000. Seção Papiro. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/nucleos/njr/esprial/papiro4.htm>. Acesso em: 17 mar. 2005.

FAGUNDES, Vanessa Oliveira. Diálogo possível. In: COSTA, Mônica (Org.). **Ciência e imprensa** – Convergências possíveis. Natal: Ed. Fapern, 2010. p. 43-51.

GUIMARÃES, Eduardo. O acontecimento para a grande mídia e a Divulgação Científica. In: GUIMARÃES, Eduardo. **Produção e circulação do conhecimento**. Campinas: Pontes, 2001a.

GUIMARÃES, Eduardo. **Produção e circulação do conhecimento**. Campinas: Pontes, 2001b.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2008.

LEITE, Marcelo. O atraso e a necessidade – Jornalismo científico no Brasil. In: COSTA, Mônica (Org.). **Ciência e imprensa** – Convergências possíveis. Natal: Ed. Fapern, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 2010.

MAIA, Isaura Amélia de Sousa Rosaldo. A divulgação da ciência é direito do cidadão. In: COSTA, Mônica (Org.). **Ciência e imprensa** – Convergências possíveis. Natal: Ed. Fapern, 2010. p. 23-24.

MOSLEY, M.; LYNCH, J. **Uma história da ciência**: experiência, poder e paixão. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

OLIVEIRA, Fabíola. **Jornalismo científico**. São Paulo: Contexto, 2002.

ORLANDI, Eni P. Divulgação – A descoberta entre a ciência e a não-ciência. In: GUIMARÃES, Eduardo. **Produção e circulação do conhecimento**. Campinas: Pontes, 2001.

PETER-PETERS, Hans. A interação entre jornalistas e peritos científicos – cooperação e conflito entre duas culturas profissionais. **Revista de Comunicação e Linguagens** – Jornalismo 2000, Nelson Traquina (Org.), Lisboa, p. 213-235, 2000.

REIS, José. **A ciência e o homem**. Disponível em: <https://www.grupoescolar.com/pesquisa/a-ciencia-e-o-homem.html>. Acesso em: 15 jun. 2022.

ROMANINI, Vinicius. Parem as máquinas! Relações entre tecnologia, informação e desenvolvimento sustentável. In: VILAS BOAS, Sérgio (Org.) **Formação & informação científica**. Jornalismo para iniciados e leigos. p. 109-110.

SILVA, Josimey Costa. Fiat Lux. In: COSTA, Mônica (Org.). **Ciência e imprensa** – Convergências possíveis. Natal: Ed. Fapern, 2010. p. 25-29.

ZAMBONI, Lilian Márcia Simões. **Cientistas, jornalistas e a Divulgação Científica** – Subjetividade e heterogeneidade no discurso da Divulgação Científica. São Paulo: Autores Associados, 2001.

Recebido em: 22 ago. 2023
Aprovado em: 23 out. 2023